



Recebido em 15/03/2022

Aceito em 14/06/2022

<https://doi.org/10.26512/emtempos.v1i40.42329>

DOSSIÊ

“Num Abre Alas que Eu Quero Passar de Ensurdecer”: Identidade e Distinção das Elites nos Carnavais do Ideal Clube (Manaus, 1906-1920).

“I Want to Go From Deafening in an Open Space”: Identity and
Distinction of the Elites in the Ideal Clube Carnivals (Manaus, 1906-
1920).

Kivia Mirrana Pereira

Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEDUC-AM)

<https://orcid.org/0000-0001-9381-9880>

RESUMO: O presente artigo aborda sobre uma das principais festas realizadas pelo Ideal Clube: os bailes carnavalescos na cidade de Manaus entre os anos de 1906 a 1920. O Ideal, espaço-objeto dessa análise, foi uma associação recreativa fundada em 1903 e agregava em seu conjunto de sócios os principais grupos econômicos, políticos e sociais da cidade de Manaus em seu contexto de *Belle Époque*. Adotamos como metodologia o uso e análises das fontes impressas e periódicas e com isso pudemos perscrutar sobre as vivências dos frequentadores do clube que utilizaram-se das recreações para consolidar suas sociabilidades e visões de mundo através dos valores expressos nas suas festividades. Dessa maneira, os bailes carnavalescos acabaram por acentuar os *status* do clube como um centro de distinção com suas regras monetárias e recursos simbólicos, formando uma tradição idealina que servia para favorecer os grupos “aristocráticos” que bailavam sobre os prestígios e diferenças sociais.

PALAVRAS-CHAVES: Clube recreativo. Carnaval. Elites.

ABSTRACT: This article deals with one of the main parties held by Ideal Clube: the carnival balls in the city of Manaus between the years 1906 to 1920. Ideal, space-object of this analysis, was a recreational association founded in 1903 and aggregated together of partners the main economic, political and social groups of the city of Manaus in its Belle Époque context. We adopted as a methodology the use and analysis of printed and periodical sources and with that we were able to scrutinize the experiences of club goers who used recreation to consolidate their sociability and worldviews through the values expressed in their festivities. In this way, carnival balls ended up accentuating the club’s status as a center of distinction with its monetary rules and symbolic resources, forming an ideal tradition that served to favor “aristocratic” groups that danced on prestige and social differences.

KEYWORDS: Recreation club. Carnival. Elites.

Dou-te o Entrudo passaporte,
Escapaste desta vez;
Mas eu sou remisso e forte,
Espero o outro ano... Talvez
Nele não tenhas tal sorte!
Mas... nada mais... eu me calo...
Ano novo não tem
O dia que te falo?
Espera o ano que vem:
Não perdes por espera-lo!
(Quo Vadis? Manaus, 27 de fevereiro de 1903).

Introdução

No dia três de fevereiro de 1903, poucos meses antes de surgir o Ideal Clube, um cronista com o pseudônimo Apius Cladius, no jornal *Quo Vadis*, relatou como a vida na capital tentava fugir do marasmo domingueiro frequente até mesmo nos dias de carnaval, em tempos que já se esperava uma grande e deslumbrante agitação ou minimamente uma mudança nas práticas sociais para que ecoasse uma vida alegre e festiva.

O relato iniciava com a constatação que a falta de entusiasmo nos dias de carnaval era de chamar à atenção diante daquilo que a realidade cotidiana impunha. O autor comparava sua existência a uma prisão e à vida animal, em que as únicas ocupações eram as refeições e andanças pelas ruas, sem muitas expectativas, a não ser o olhar dos transeuntes que transluziam puro aborrecimento. Nem mesmo as ocupações aos domingos, tempo em que as famílias dos altos grupos sociais utilizavam para ir às missas, às praças ou até mesmo tomar sorvetes, fazer piqueniques e realizar visitas aos seus amigos e compadres, causavam satisfação. Essas últimas, por exemplo, são relatadas com pesar e cansaço porque pareciam ser uma tarefa custosa tanto fazer quanto receber visitas, revelando assim que o espaço familiar ou íntimo tinha lá suas limitações tanto para quem visitava como para quem recebia os visitantes, e acabava tornando-se rotina sem muita graça. No entanto, a narrativa pouco alegre não se encerrava por ali. Ao lembrar que a cidade estava em dias de carnaval, o escritor teceu o seguinte comentário:

O último domingo teve a sensaboria de uns mascarados a percorrer as ruas, ermos dos mais rudimentares espíritos, e o barulho de um entrudo de pó de arroz, confetes, etc. Era de ver homens polvilhados, sem ser com o polvilho antisséptico do Silva Ferraz, com as roupas dos tais discozinhos de papéis multicores, a andarem apressados como quem feriu um grande combate e leva em si o atestado de que se não excursou da luta; era de ver umas senhoras e senhoritas, meninos e meninas com os cabelos ordenados dos mesmos papeizinhos e as faces empoadas, com uma graça que os homens nunca são capazes de ter, porque manda a verdade se o diga, só crianças e mulheres são interessantes quando brincam. (QUO VADIS. Manaus, 03 de fevereiro de 1903)

Por mais que os participantes estivessem mascarados, vestidos com roupas decorativas e multicores, o autor alegava que os atos de celebração com rituais que

remetiam aos dos primeiros carnavais, quando o entrudo¹ predominava, no século XX já deveriam estar “superados” se compararmos com os das regiões centro-sul².

Para finalizar o seu desabafo, Apius Cladius parece se contentar com as lembranças das brincadeiras das crianças e mulheres que pareciam alegrar aquele domingo de carnaval. Porém, esse acalanto não foi suficiente para desfazer as impressões causadas pelo marasmo de uma segunda-feira que se aproximava e parecia cumprir a missão das atuais “quartas-feiras de cinzas” que, acompanhada pelo medo frequente da modernidade burguesa em ver sua vida paralisada pelo tédio e rotina, mais combinava com a dormência de um inverno amazônico.

Por outro lado, é de se compreender e pontuar a falta de gracejo nos dias de folia. Nesses tempos, o código de posturas municipais proibia “sob pena de 20\$000 réis de multa ou 1 dia de prisão” (SAMPAIO, 2016, p. 155) àqueles que ousassem realizar celebrações ao som de batuques, apitos ou divertimentos que perturbassem o sossego público. E, por mais que a quietude fosse questionada, o autor ainda indaga “O que fazer a partir de então? Ler, escrever, dormir ou esperar o próximo traço de entusiasmo?” (Quo Vadis? Manaus, 03 de fevereiro de 1903). A única certeza que se tinha é que assim como todos os anos se renovavam, assim também era o carnaval.

Pode-se perceber que o idealismo de Apius Cladius foi acompanhado de uma comparação indireta do que um dia o autor viveu ou presenciou, porém, diferentemente de outras cidades brasileiras, como é o caso do Rio de Janeiro, em que desde o final da década de 1870³ já passava por uma significativa reinvenção dos termos e formatos, em Manaus, mesmo no ápice das expansões urbanas e diversificações culturais iniciadas na

¹ O entrudo era o hábito de se divertir jogando água natural, com limões ou outras substâncias nas pessoas nas ruas e período de carnaval, mas havia também o tempo do entrudo, que durante o período imperial eram os mesmos dias de carnaval em que um conjunto de brincadeiras eram realizadas antes da páscoa. Maria Clementina Pereira Cunha explica que “apenas no final do século a palavra passou a ser utilizada por autoridades, políticos, jornalistas e literatos para nomear exclusivamente a “molhaçada”, e com sentido oposto ao carnaval, que designava sobretudo préstitos, bailes, batalhas de confete e outras práticas mais recentes, às quais se atribuía superioridade em face dos folguedos rudes e incultos do entrudo”. (CUNHA, 2001, p.25)

² Essa realidade evidencia que cada cidade ou região passam pelos seus próprios processos e tem suas próprias características superando assim os recortes temporais bem marcados ou generalizados. Ao estudar o desenvolvimento do carnaval na cidade carioca, Maria Isaura Pereira de Queiroz fez um quadro histórico que divide as temporalidades e suas fases principais, sendo a primeira fase até o final do Império com a execução do entrudo, a segunda fase – superando o entrudo – com os carnavais mais elegantes e elaborados inspirados em Paris tendo predomínio até 1920, e a terceira fase com o desenvolvimento de um carnaval popular e com escolas de samba. (PEREIRA, 2004, pp.27-28).

³ Leonardo Affonso de Miranda Pereira discorre sobre os anos e as mudanças nas terminologias e características do carnaval contra o entrudo na cidade do Rio de Janeiro: “o da reinvenção, por parte desses literatos, da definição do carnaval – que deixava de ser entendido de forma geral como ‘os dias de Momo’ para representar somente um tipo de brincadeira que se diferenciava do entrudo. A palavra entrudo, que antes designava uma série de brincadeiras carnavalescas – como mascaradas, alusões e xingamentos – passou a designar somente a guerra de limões-de-cheiro e bisnagas, perdendo seu caráter geral” (PEREIRA, 2004, p.90).

última década do século XIX, as festividades – com o enfoque no carnaval – ainda davam os seus primeiros passos rumo à ocupação espacial da cidade.

Naquele momento, poucos clubes e salões executavam os seus bailes carnavalescos e evitavam ocupar as ruas com todo o vigor. Aqueles que se punham a brincar nas vias da cidade, ainda praticavam o entrudo e faziam com que a festividade ao deus Momo fosse desfrutada sob polvilho e pó de arroz. Mas, faz-se necessário destacar que um novo modelo começava a se manifestar, pois os participantes já estavam “bem vestidos” e caricaturados e algumas poucas sociedades recreativas saíam em cordões carnavalescos em visita às famílias que compraram seus cartões e convites para participarem dos bailes privados (PONTES, 2019, p. 34). Assim, a festividade foi dando seus primeiros sinais de ousadia ao se combinar o velho entrudo e as possibilidades de desenvolvimento dos cordões, blocos e clubes de ruas bem elaborados, com grandes investimentos e fantasias.

É verdade que desde 1900 as notícias começaram a aparecer de forma mais audaciosa nos periódicos sobre o tema carnavalesco, tendo em vista que nos anos anteriores, apesar da criação de poucos clubes voltados exclusivamente para o preparo da festa, como é o caso do New Club (1898) e do Club dos Terríveis (1899), ainda faltava o que chamamos de “espírito” em referência ao ânimo de se comemorar com confetes, serpentinas e polvilhos. Esse espírito, de certo, não está limitado aos acessórios, mas apresentava-se como uma esperança constante aos desejosos por modernidade, luxo, progresso e civilização que aguardavam por algo que pudesse resplandecer as suas grandezas aristocráticas nas celebrações e solenidades locais. Aproveitando-se desse contexto, o Ideal Clube nasceu.

“Festa de sonho e de lenda”⁴: entre as ruas e os salões privados do clube idealino.

O Ideal Clube foi fundado no dia 06 de junho de 1903 e tinha como objetivo promover partidas, saraus dançantes ou literários. Também fazia parte de sua programação atender aos gostos dos grupos, famílias de políticos e comerciantes locais. A agremiação não deixou de participar e/ou promover os bailes, tornando-se um dos principais núcleos de diversões da cidade. As portas da agremiação eram abertas aos sócios nas terças, quintas, sábados ou domingos (JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus, 20 de agosto de 1905), quando se oportunizava o convívio social e onde ocorriam mensalmente as partidas dançantes em datas comemorativas marcadas pelo calendário do clube ou seguindo as datas oficiais.

Os jornais da época, dentre os quais se destacam o Jornal do Comércio, *Quo Vadis* e Correio do Norte eram os principais divulgadores dos acontecimentos daquela vida social. A partir das informações veiculadas nos periódicos locais sobre as festividades ocorridas no clube, foi possível chegar à seguinte tabela que permite a identificação dos

⁴ CORREIO DO NORTE. Manaus, 05 de fevereiro de 1910.

principais tipos de festividades e de encontros promovidos pela agremiação entre os anos de 1903 e 1920:

Tabela 1: Principais encontros e festividades que ocorreram no Ideal Clube (1903-1920)

Tipo de encontros	Números
Partidas dançantes (sarau, soirée, festas íntimas ou familiares)	61
Encontros com fins associativos	54
Conferências Literárias	24
Aniversários do Clube	17
Bailes à fantasia no Carnaval	16
Festas Patrióticas	10
Teatros e Concertos Musicais	10
Encontros esportivos	9

Fonte: Tabela organizada pela autora com as informações catalogadas nos periódicos locais.

Pela tabela, podemos observar que os tipos de festividades mais promovidas pela agremiação eram as partidas dançantes: os saraus, que se caracterizavam por reuniões maiores e abertas, ou *soirée*, partidas mais íntimas⁵. No período em levantamento, foram realizadas sessenta e uma partidas dançantes em que se pode somar ou incluir os aniversários da associação. Esses, por sua vez, geralmente eram celebrados anualmente nos dias 06 de junho e tinham como objetivo marcar e simbolizar a data em torno daquilo que os sócios e simpatizantes chamavam de “tradição idealina”. As comemoração e atos, na verdade, revelam a eficácia que as práticas dançantes tiveram ao “inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, 2008, p. 09). Seguindo um determinado ritual, percebe-se que o prestígio de participar dos eventos e saraus dançantes, além de estar associado monetariamente ao coletivo e ao clube, manifesta a verdadeira honra e distinção do que é ser um *idealino*: partilhar os valores do grêmio era caracterizar a própria respeitabilidade social.

Não demorou muito para que a celebração se consolidasse juntamente com a década de maior alcance comercial para que as circunstâncias mudassem.

No que se refere ao carnaval, em 1905, quando o Ideal Clube se lançou para disputar a cena, já se tinha na praça o famoso Club dos Terríveis (1904), que se vangloriava por envolver a chamada “fina flor da sociedade manauara”, cavalheiros distintos, com “espíritos superiores” que deveriam deixar por alguns dias a severidade habitual das suas ocupações, para se entregar de corpo e alma, de matéria e espírito ao diabólico carnaval ou ao rei da folia (Jornal do Comércio. Manaus, 11 de fevereiro de 1904).

O tom parecia animar a cidade e almejava afastar os invejosos maldizentes, difamadores ou de espíritos baixos – como o cronista Apíus Cladius – e abriu caminho para que as “alas passassem” e os clubes se anunciassem nas ruas.

⁵ Uma colocação interessante sobre a *soirée* foi exposta por J. I. Roquette: “uma divisão do tempo em que a maior parte da gente, tendo preenchido suas ocupações e deveres, busca desafogo e desenfado na conversação e trato de pessoas estimáveis”. (DEL PRIORE, 2016, p.252).

A oportunidade, o poder e o direito de celebrar foram efetivados no Ideal Clube, que no conjunto das agremiações fundadas com essa finalidade, como o High Life, o Club dos Janotas, o Club Internacional, o Club Democrata, o Club dos Chineses, o Club União da Mocidade, o Club Cacaó, a Sociedade Carnavalesca dos Catraeiros, o Club do Caiadores, o Club dos Chineses, o Club Internacional, o Club Oriente Cachoeirinha, o White Club, o Club dos Fenianos, o Club dos Frouxos, o Club Cearense, o Bicho Club, Carnival Club, City Club, Club das Tesouras (PONTES, 2019, p. 32-42) lançam-se na mesma atmosfera e começaram a ocupar as ruas da cidade ao mostrar sua aparência e ao que vieram.

As principais avenidas e ruas dos cortejos estavam localizadas no centro da cidade e conquistaram sua importância em razão do seu grau de circulação e produção de riqueza econômica advindas do comércio local. Eram nessas avenidas que estavam os símbolos da modernidade (Teatro Amazonas, Palácio da Justiça e Instituto de Educação do Amazonas), os melhores pavimentos públicos, as melhores lojas, as cafeterias e as residências dos comerciantes e de outros setores das elites. Assim, as ruas e avenidas como (1) Av. Silvério Nery, (2) Rua dos Remédios, (3) Rua das Andradas, (4) Leogevildo Coelho, (5) Av. Eduardo Ribeiro, (6) Rua Municipal, (7) Rua José Clemente, (8) Rua Luiz Antony e Rua Marquês de Santa Cruz (não identificada) (PONTES, 2019, p.41) eram as principais avenidas em que passavam o cortejo de carnaval.

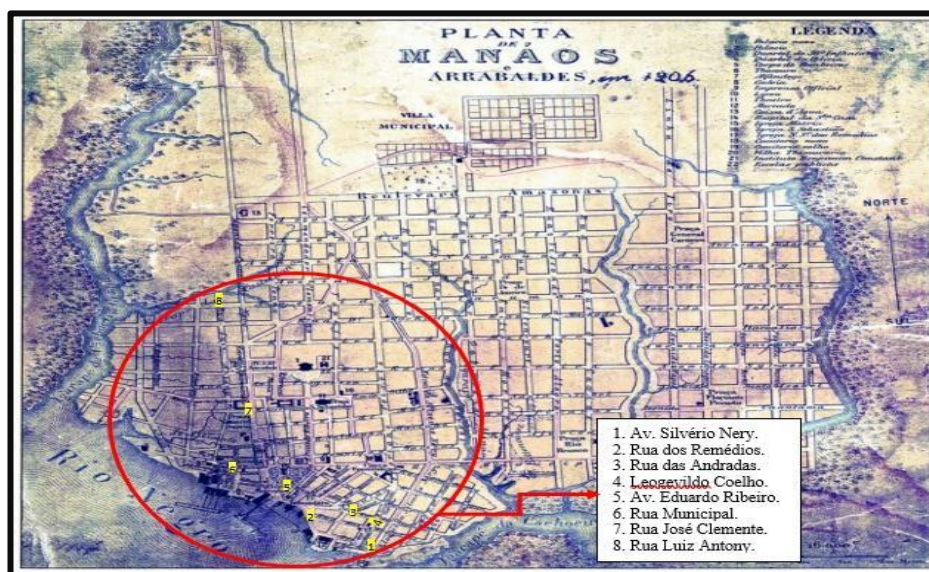


Imagem 1: Planta de Manaus com as principais vias por onde passava o Carnaval – 1906.

Os clubes e agremiações carnavalescas oportunizaram às elites ocupar os espaços que no seu cotidiano lhes eram distantes. É necessário observar que essa tomada das ruas exigia ordem e limite, por isso, se reforçava que o direito de participar das festas era dos sócios, maiores de 18 anos⁶ ou convidados que realizassem a compra dos ingressos, circunscrevendo uma lógica política, social e econômica bem firmes e

⁶ Havia também os bailes infantis e juvenis para as crianças e adolescentes realizados durante a tarde nos sábados. O Ideal Clube não promoveu nenhum baile infantil, mas os pais e sócios da agremiação receberam os convites e participaram do bailado promovido pelo Club Internacional em 1908.

contundentes para o afastamento de personagens não quistos ou da população e trabalhadores que utilizavam desses mesmos espaços para atividades cotidianas. Por essa ordem, as sociedades recreativas abriam as suas regras e estratégias para vínculos associativos a quem pudesse comprar os ingressos e participar da festividade, mas, de outro modo, mantinha suas políticas de exclusão e distinção ao fazer sobressair as regras monetárias, indumentárias e cerimonialistas.

No cotidiano habitual essas zonas também eram ocupadas pela oferta de serviços dos catraieiros, cocheiros, lavadeiras, artesãos, estivadores e outros tantos operários ou trabalhadores urbanos que por vezes fiscalizados, entregues à própria sorte ou ocupando-se das agruras do cotidiano, nos dias de carnaval tinham sua lógica invertida, para que a burguesia manauara aproveitasse as ruas nos dias de folia, não dando a esses laboriosos a oportunidade de dividir os mesmos espaços de diversão, a não ser para manter os seus serviços habituais “fora da aura da emoção” para a mordomia dos seus patrões e senhoras que compartilham e comungam de um tempo e espaço privilegiado⁷ e fiscalizado.

Na década de 1910, por exemplo, quando a população certamente já deveria ter seus próprios meios de diversão, tendo em vista a propagação de bares e botequins pela cidade, notamos a tentativa de afastar o povo do carnaval das elites, quando os códigos de postura também instauravam proibições para as danças de cordões e mais divertimentos de igual gênero fora dos dias de carnaval. O entrudo nas ruas da cidade e o uso de bisnagas e polvilhos, andar mascarados com trajes indecorosos ou alusivos às corporações civis, militares ou religiosas, transitar de máscaras, mesmo durante o Carnaval, pelas ruas da cidade depois das seis e meia da tarde, criticar as instituições e ridicularizar os poderes públicos, valendo-se para isso do disfarce, transitar pela quadra carnavalesca, fazer batuques, sambas ou outras diversões que perturbassem o sossego público estava proibido e tinham a punição de 100\$000 (Código de Posturas Municipais. SAMPAIO, 2016, p.182).

Essas proibições estavam expostas na crônica do autor de pseudônimo Frivolet, que no jornal Correio do Norte chegou a alegar que, nessa época feliz em que a massa anônima do povo se divertia com familiaridade e grande contentamento, em meio a certa homogeneidade de gente apareciam indivíduos de “uma falta de educação a toda prova manifesta” que mereciam “umas boas, umas corretivas cacetadas” (CORREIO DO NORTE. Manaus, 19 de fevereiro de 1911). O motivo das correções seriam as bisnagas que atingiam os olhos das pessoas, por isso eram “merecedores” de uma boa represália: “pega-se numa boa bisnaga de massaranduba e esfria-se-lhe as costas” (CORREIO DO NORTE. Manaus, 19 de fevereiro de 1911). A sugestão do ato de correção rememora a época não muito distante dos castigos físicos aplicados aos escravos que eram açoitados e viam sua dor ainda sofrer deboches por meio de gestos simbólicos de uma sociedade escravocrata. Evidencia ainda a falta de trato com a festa do povo que, ao transgredir a

⁷ Nas suas reflexões, Queiroz apresenta uma lógica ordenada do carnaval entre os que olham, os que dançam e os que trabalham, sendo que os primeiros poderiam representar os atores e espectadores que poderiam estar reunidos em comunhão da festa, enquanto existe os servidores públicos que conservavam suas atividades habitual “presos a uma labuta que é idêntica à do cotidiano, fora da aura da emoção” no mesmo espaço e tempo dos primeiros grupos. (QUEIROZ, 1994, p.31).

ordem da festividade burguesa, precisava civilizar-se com as correções culturais, físicas e fiscais.

Se os leitores da crônica podiam compartilhar da repreensão como remédio eficaz ao prazer do “povo”, através do texto, também precisavam se regozijar nos prazeres da folia das elites. Quanto às notícias sobre esses dias, o *Jornal do Comércio* era um dos principais entusiastas do baile à fantasia e os seus redatores eram os primeiros a serem convidados para participar deles e tecer suas primeiras críticas. Desse modo, o periódico anunciou que a noite do dia 04 de março de 1905 não deveria desmentir o já reconhecido nome do Ideal Clube, que contaria com uma ornamentação inteiramente carnavalesca, preparação de fantasias, convites impressos pela livraria Palais Royal e uma programação empolgante ao som de uma orquestra conduzida por César Vasco (*JORNAL DO COMÉRCIO*. Manaus, 19 de fevereiro de 1905) ou do Prof. João Pinto Moreira (*JORNAL DO COMÉRCIO*. Manaus, 27 de fevereiro de 1908) com valsas, polcas, quadrilhas e schottisch⁸, sons europeus como maiores atrações do clube. Porém, a estratégia, por mais que bem divulgada, não foi bem sucedida. Na terça-feira de carnaval, restava o contentamento com uma pequena nota no *Jornal do Comércio* ao informar que no baile à fantasia, embora houvesse ocorrido satisfatoriamente, não se achava ali a influência que era de se esperar. Os salões bem preparados, trajes a capricho e boa música não foram aproveitados pelo público que era aguardado, já que não houve o comparecimento deste sob a justificativa de que haveria muitas diversões naquela noite (*JORNAL DO COMÉRCIO*. Manaus, 07 de março de 1905). Também pudera, os grupos de foliões já se preparavam para a solenidade que ocorreria no dia seguinte na Av. Eduardo Ribeiro e no Teatro Amazonas.

Passando o baile no sábado, no domingo gordo restou às famílias da agremiação apreciarem pelas janelas da sua sede, na rua Silvério Nery, o curso do Club dos Terríveis que fazia a divulgação das encomendas de seus objetos e artes vindas de Paris, dos seus carros alegóricos e dos seus artistas, como Dionísio, famoso intérprete do carnaval do Rio de Janeiro, do Club dos Fenianos, dos Democráticos, Tenentes do Diabo (*JORNAL DO COMÉRCIO*. Manaus, 17 de janeiro de 1905).

Às 15 horas, naquele domingo gordo de carnaval, a folia na cidade contava com a promoção do entrudo, com as batalhas de confetes e flores, com os grupos e cordões, com os bailes públicos mascarados para as crianças e adultos, e com os préstitos carnavalescos na Av. Eduardo Ribeiro. Na rua Municipal e na Saldanha Marinho estavam as arquibancadas destinadas às famílias e cavaleiros e que tinham por objetivo impedir os olhares dos não pagantes. Cerca de 30 carruagens profusas e ornamentadas estavam presentes no curso, e que carregavam nomes de influências românticas, francesas e patrióticas, como “Amor e Psiqué”, “Real Coche de El-Rei” (a mesma que parou para cumprimentar a diretoria do Ideal no ato), “Mefistófeles”, “Eloquência dos

⁸ A orquestra executou o seguinte programa: “OUVERTURE: Zé Pereira, 1ª valsa, “Les Patineurs”; 1º Schottisch, “Ideal Club”; 2ª valsa, “Goutte de rosée”; 1ª polca, “tim-tim”; 1º quadrilha, “Nina Panche”; 3ª valsa, “Como esquecer-te?”; 2º schottisch “Magui”; 4º valsa “O Danúbio Azul”; 1º Cake-Walke, “Yes”; 2ª quadrilha, “28 dias de Clarinha”; 5ª valsa, “Le Trésor”; 3º Schottisch, “Immenso dolor”; 6ª valsa, “Rosas do Sul”; 2º Cake-Walke “Joyeux Nègres”; 3ª quadrilha, “A capital federal”; 7ª valsa, Retour du Printemps”; 4º Schottisch, “Sorrindo”; e 8ª valsa, “La Fiancée”. *Jornal do Comércio*. Manaus, 04 de março de 1905.

Incas”, “Je suis em Paris boulevardiano”, “As 4 estações”, “Euterpe”, “Estado do Amazonas”, “Estegomia Fasciata”, assim como os carros dos sócios e das famílias fantasiados, bandos de foliões e grupos de arlequins (JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus, 07 de março de 1905).

Nesse momento, o Ideal Clube acompanhou prestigiosamente o Club dos Terríveis com a significativa e consolidada atuação dessa entidade carnavalesca na capital. Essa forma de sociabilidade não se dava apenas nos dias de carnaval, cabendo destacar que em seu cotidiano o ponto de encontro dos homens sociais pertencentes ao rol associativo do Ideal Clube também era a cafeteria do “Café dos Terríveis”. O Club dos Terríveis, de igual modo, também partilhava de uma vinculação política, ao trazer em seu rol associativo o ex-governador coronel José Cardoso Ramalho Júnior⁹, o Superintendente dos Serviços Elétricos do Estado, o engenheiro Artur César Moreira de Araújo¹⁰; o capitão dos Portos do Amazonas, capitão-de-fragata Santos Lara, entre outros (BRAGA, 1979, p.50). Assim sendo, o Ideal Clube, na verdade, cumprimentava seus pares naquele grande curso social ao usufruir do mesmo ato festivo e ao reconhecer a autoridade que tais homens desempenhavam no cotidiano manauara:

Quando na Avenida de Silvério Nery, o préstito do Clube dos Terríveis passou em frente à sede do Ideal Clube, as janelas do palacete “idealino” estavam apinhadas de associados e suas famílias, que saudavam e atiravam confetes e serpentinas sobre as carruagens ornamentadas do desfile. O “Real Coche de sua Magestade El-rei Carnaval”, ao chegar em frente ao Clube, parou. A seguir, o Soberano da Folia se dirigiu à sede, acompanhado de uma comissão de diretores do Clube dos Terríveis, sendo recebido à porta de entrada pela diretoria “idealina”. E de uma das janelas do prédio, Sua Majestade agradeceu as saudações da multidão que se comprimia, em delírio, ao longo da Av. Silvério Nery. (BRAGA, 1979, p.51).

⁹ José Cardoso Ramalho Júnior foi governador do Amazonas de 04 de abril de 1898 a 23 de julho de 1900. Nascido no estado em 07 de abril de 1866, era filho de José Cardoso Ramalho e de Maria Francisca da Conceição. Empregou-se no comércio local, foi coronel do Exército, e entrou para a política pelo Partido Democrata e se elegeu deputado estadual para a Assembleia Legislativa. Em 1896 foi eleito vice-governador de Fileto Pires Ferreira. Em 04 de abril de 1898, em viagem a Paris, Pires Ferreira foi deposto e Ramalho Júnior assume o governo do estado. Em seu período de governo, defendeu o território acreano na Revolução Acreana e inaugurou o Palácio da Justiça, um dos símbolos da modernidade manauara deixados por Eduardo Ribeiro. Em 1914 e 1917 foi grão mestre da Loja Maçônica Esperança e Povir. RAMALHO JÚNIOR, José Cardoso. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, FGV. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PEREIRA,%20Manuel%20Agapito.pdf>. Acesso em: 15 de fev. de 2021.

¹⁰ Arthur Cezar Moreira de Araújo, nasceu em Belém, em 17 de agosto de 1868. Foi filho do farmacêutico Abel A.C de Araújo. Matriculou-se no curso de engenharia no Rio Grande do Sul, mas foi transferido para a Escola de Realengo (RJ), onde foi aluno de Benjamin Constant. Passou pela Guarnição de Belém como 2º Tenente e foi transferido para Manaus, onde assumiu o posto de 1º tenente. Na cidade, casou-se com Donalina Nogueira Fleury com quem teve dois filhos (César e Lúcia, ambos enviados ao Rio de Janeiro). Ainda foi coronel e assumiu como comandante no Batalhão de Polícia do Estado em 1898, mas pediu exoneração e se dedicou nas carreiras de professor e engenheiro do estado. Desse modo, foi engenheiro-fiscal das obras do Porto, Superintendente Municipal de Manaus (1899-1902), co-empresário da Empresa Telefônica de Manaus, professor catedrático de matemática e astronomia do Ginásio Amazonense, professor de matemática e diretor da Escola Técnica do Comércio Solon de Lucena, engenheiro das obras do Teatro Amazonas, Vila Municipal (hoje Adrianópolis), cassino Julieta (posteriormente Cine Guarani) e redes de esgotos de Manaus. (BITTENCOURT, 1973, p. 108 e 109).

A imagem do Ideal representado como palacete não é sem motivos ou explicações. Diferentemente do Teatro Amazonas, visto como uma cátedra central, a agremiação não era apenas um local de visitas dos sócios, mas um espaço que, assim como uma casa, incentivava os laços de familiaridade, como já descrevemos ao relatar os bailes e saraus dançantes. Por consequência, a referência que as famílias tinham no centro das festividades fez com que se continuasse estendendo o caráter familiar a eventos abertos e públicos. Porém, se o início da primeira década começou com desânimo nas ruas, até o final de 1910 graças aos grandes incentivos, o Ideal Clube consegue corresponder às expectativas dos sócios e frequentadores, se afirmando como um espaço conceituado, chique e querido das elites e famílias amazonenses através dos investimentos feitos na sua construção:

Tudo ali era alegria e graça. Uma orquestra regida a capricho, vibrava de momento a momento doces acordos que elevavam a alma às regiões dos sonhos onde tudo respira poesia e amor. O lança-perfume e confetes tomaram a si o encargo de expurgar a menor nuvem de tristeza que por acaso ali pairasse... e para dar ainda melhor brilho àquele festival encarregaram-se os diretores do mês do Ideal Clube de preparar os seus salões com um admirável gosto artístico, que merecem os mais francos elogios.

Mais uma vez o Ideal firmou o seu conceito de sociedade chique e querida da elite amazonense. (JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus, 28 de fevereiro de 1911).

Alegria, graça, capricho, sonhos, confetes, danças sustentavam a estrutura do requinte e riqueza das ornamentações dos salões que transmitiam a ideia de semelhança com os “lendários palácios de fadas a todos que se deslumbravam com as suas estranhas e fantásticas belezas” (JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus, 20 de fevereiro de 1912), causando nas elites a impressão e sentimento de estarem participando dos carnavais venezianos. Na verdade, essa mistura de sensações e ilusões tinha a pretensão de intensificar as distinções e causar um efeito de magnitude e notoriedade em quem dos bailes participasse. Pelo que notamos, a festa carnavalesca para os sócios e convidados do Ideal Clube estariam restritas aos bailes de salões, de máscaras e de fantasias em que ficavam marcadas a distinção entre classes (DE BORBA BARRETO, 2011, p. 233), para que o exibicionismo das elites pudesse ser flagrantemente manifesto e contemplado, a iniciar pelos convites às famílias e prestigiados visitantes:

Dos convites, já em distribuição, coube-nos um, que reside, como os outros, ao entusiasmo e ao delírio dos ilustres associados, que o subscrevem. Reza assim o convite:

- Exm. Sr. – Dentre as nuvens carregadas que obumbram neste momento o sol esplêndido da felicidade humana, surgem, por vezes, alguns raios vivificadores que nos trazem alento e conforto.

Nessa irradiação acariciadora vislumbram-se sempre os fulgores do culto fantástico ao imensurável Deus das loucuras sublimes, a cujo altar vão levar a oblata do seu carinhoso concurso, em meio à mais doce evocação de hinos, todos aqueles que ainda sentem a alegria de viver.

O Ideal Clube, o pioneiro máximo da graça, apresta-se para render as homenagens mais lidimas ao lendário representante desse grande Deus *El Rey* Carnaval, que terá entrada triunfal em seus salões à noite de 9 deste mês.

Ali, numa atmosfera de gratas emoções, o nosso espírito, distendidos os prodígios da fantasia, librar-se-á por sobre esse país florido de sonhos, onde erguem-se preces ao prazer e a vida é como a essência que se evola deixando o ar impregnado de doce perfume.

Nessas horas em que as estrelas terão brilho e as tristezas não terão guarida, precisamos da participação honrosa e gentil de v.exc. e exma família, a qual pontilhará de distinção fidalga o nosso festival, merece que muito nos desvanecerá, dando ensanchas ao nosso profundo reconhecimento (JORNAL A CAPITAL. Manaus, 5 de fevereiro de 1918).

Como o principal investimento do Ideal eram os bailes à fantasia ou os bailes “*masqué*”, a pretensa alternativa para reunir as elites e manter suas tradições e cerimônias, fazia com que no valor das fantasias e máscaras estivessem embutidos brilhantismo, triunfo e características exclusivas do grupo. As máscaras que “escondiam” as delicadas feições das patrícias (JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus, 29 de Janeiro de 1910), como sinal de ocultação de identidade, davam charme ao luxo e distinção das elites. Mas também poderiam ser um perigo e mistério quando usadas para ocultar os personagens que se divertiam sob as fantasias, para alfinetar os amigos traiçoeiros¹¹, debochar dos adversários ou encobrir as intenções de um povo, assim como poderiam esconder a miséria, o crime ou o amor (CUNHA, 2001, p.32). Dessa forma,

O riso dos mascarados podia ser o escândalo das famílias burguesas, que tanto zelavam por suas imagens perante a sociedade “decente”. Os dias de folia passaram a ser especialmente desagradáveis para estas “respeitáveis famílias”, que acabavam tendo que assistir à ridicularização de seus preconceitos e tabus morais a céu aberto, por mascarados abusados. O velho “ridendo castigat mores”, a alegre troça antigamente consentida aos mascarados como válvula de escape, agora não era visto por muitos cidadãos senão como provocação deliberadas (LAZZARI, 2001, p. 181).

Os mascarados e fantasiados sobre os salões se lançavam e se apropriavam das imediações do clube a bailar, dançar e festejar sem horas para término. Podemos observar ao menos três compartimentos que os sócios e foliões podiam fruir: a recepção, os salões e os buffets que se estabeleceram como espaços principais em que se podia ser visto, cumprimentado, reverenciado e até mesmo cortejado. Ainda podemos observar que esses salões, intitulados com os mesmos nomes das instituições que tinham grande expressão na sociedade, na recreação (caso do Salão Ideal Terpsicore) e na imprensa (Amazonas e Jornal do Comércio), eram os espaços centrais para se colocar em prática todas as etiquetas aprendidas (BRAGA, 1979, p. 49). Quando da execução de danças, de ouvir as orquestras, de assistir os arranjos ou participar dos cordões, os indivíduos colocavam-se na essência da festividade e logicamente no centro da cerimônia.

¹¹ Como a irônica sátira do Jornal Correio do Norte: “Eu sou a Máscara. Vivo afivelando sempre o rosto dos amigos... ursos!”. (JORNAL CORREIO DO NORTE. Manaus, 20 de fevereiro de 1912).



Imagem 2: Aspecto do salão do Ideal Clube, a nossa distinta associação dançante familiar, por ocasião do baile à fantasia no sábado 21 de fevereiro de 1914. REVISTA CÁ E LÁ. Manaus, março de 1914. Ano 1, nº3.

Os centros dos salões pareciam o espaço oportuno para exibição das fantasias e do *status* social expresso pelas vestimentas, modos de se comportar, dançar e foliar. Isso se deu pelos clubes carnavalescos possuírem caráter elitista e conservarem o modelo íntimo e fraterno dos seus espaços fechados, pautados no bem estar dos diretores, de suas respectivas famílias, dos seus grupos e dos seus arranjos fraternos e políticos. Feito nos salões do clube idealino, certamente o carnaval para a agremiação seria mais um dos momentos em que se esbanjaria o que se tinha e em que se definia quem era a “fina flor social” e em que os toques de graça e encanto das ornamentações serviram para reafirmar o *status* pessoal e coletivo da solenidade e dos seus participantes:

Festa de sonho e de lenda, está com que hoje o Ideal Clube vai inaugurar os festejos carnavalescos!

Os salões do elegantíssimo Clube, onde se aglomera a fina flor da sociedade manauense e onde elegeu imperecível morada a graça encantadora e fina, a graça eterna e suavíssima, a graça delicada e leve, os salões do Ideal, dizíamos, acham-se maravilhosamente decorados, dando a retina deslumbrada dos que tiveram a dita de comparecer ali hoje, a mágica impressão de palácios de recantos iluminados e rescentes de paraíso.

Centro magnífico de formosura e de elegância, núcleo rutilante de prodigioso encanto, o Ideal Clube há de afirmar, uma vez ainda, o seu destaque superior, a sua incontestada preeminência, a sua glória inacessível.

Havemos de estar lá, na embriaguez das harmonias deliciosas, na magia deslumbrante da luz e do perfume, a redimir-nos das preocupações e das tristezas, porque o Ideal será hoje a pátria luminosa da ilusão, o país perfumado e rebrilhante da alegria (CORREIO DO NORTE. Manaus, 05 de fevereiro de 1910).

Não importa se o carnaval ocorre nas ruas ou nos salões, em uma estrutura aberta de visibilidade e notoriedade pública, essa festividade guarda a centralidade social, onde ser visto e notado são dimensões e intenções obrigatórias que unem tanto as brincadeiras, nomes e vantagens individuais. Contudo, como se deve imaginar, nesse momento as vantagens em relação ao coletivo dizem respeito aos pares, companheiros e familiares dos associados que compartilhavam das mesmas dimensões de valores, prestígios e ideologia. Se observamos a própria construção de identidade das

solenidades, veremos que o engrandecimento e alusão à pátria formavam as principais encenações nos salões e programações do carnaval no clube, ganhando assim centralidade nas comemorações e divulgações das imagens e projetos em curso. O Ideal ser considerado como “a pátria luminosa da ilusão, o país perfumado e rebrilhante da alegria” revela a própria característica patriótica e patrimonialista das suas festas que tentavam a todo momento se sobressair sobre as demais ao reafirmar seus valores.

Tomando como referência o ano de 1908, no salão de nome Japonês, em homenagem ao Japão, que já manifestava sua potencialidade no extremo norte, a ornamentação e cenas remetiam ao “Império do Sol Nascente”. Enquanto isso, no salão Rose, o seu cortejo transportava de um cenário de castelo medieval, que mudou rapidamente pelo romper da atmosfera de luz da sala, para o continente americano em que a América do Norte e a América do Sul se abriam e se uniam em patriotismo, escudos, armas e bandeiras do “Novo Mundo”:

Eis-nos, enfim, nas duas américas: - a Arde foi delicadamente trabalhada ali. No fundo dessas salas ricamente enfeitadas, abria-se as Duas Américas, espaçoso e belo, grandioso e brilhante.

A luz, que disferia, iluminava os cabelos empoados e a cútis perfumadas das senhoras e senhoritas, como o poderoso fogo do Atlântico iluminando a face das águas da baía de Hudson.

Com um laço fraternal de cores nacionais uniam-se os povos americanos numa apoteose e magnífica da força do Novo Mundo, traduzida num escudo, em que as armas e as bandeiras falavam ao entusiasmo e ao patriotismo (JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus, 03 de Março de 1908).

A união das bandeiras, das armas e escudos, do entusiasmo e patriotismo em defesa da “América” manifestavam os interesses de aliança e aproximação políticas e civis com os Estados Unidos, que desde 1891 inspirara o Brasil na fundamentação teórica e legal da nova Constituição, que adotava o federalismo, o presidencialismo, estabelecia os três poderes para o Governo Republicano, separação entre Igreja e Estado, definição do critério de alfabetização e voto (DE SOUZA NEVES, 2003, p.21). Também se consolidaram através de apoio informal, expectativas de desempenho nos papéis e planos internacionais, regionais e bilaterais pautados no multilateralismo, pacifismo e na busca por *status* no cenário global, conforme define Monica Hirst e Matias Spektor:

Durante a Primeira República (1889-1930), as relações Brasil-Estados Unidos seguiram o modelo da aliança informal ou, como caracterizada por Bradford Burns, de uma “aliança não-escrita”. Embora essa aliança prescindisse de assistência militar mútua, o apoio diplomático recíproco e o intenso intercâmbio comercial teceram uma sólida amizade entre as duas nações. De acordo com a visão brasileira, a ordem mundial dominada pelos interesses eurocêntricos enfrentaria um processo de esgotamento, o que levaria os Estados Unidos a se converterem num poderoso ator internacional. Em outras palavras, os Estados Unidos eram percebidos como o principal poder ascendente no sistema internacional. O barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores (1902-1912) e fundador da diplomacia brasileira do século XX, foi o principal responsável por promover esta visão (HIRST; SPEKTOR, FGV, 2009, p.20).

Nesse sentido, as festas carnavalescas eram uma excelente oportunidade para ostentar seus vieses ideológicos, modos de fazer política e potencialidades para a afirmação dos compromissos públicos e governamentais. Em um momento que a jovem

república tinha efervescente os aspectos positivistas de honra a pátria enraizados em uma perspectiva do “fazer cidadão” em um constante enraizamento da civilização e do progresso, os bailes e atos públicos poderiam servir como dimensões de honorabilidade à nação e, ao mesmo tempo, por meio das danças e liturgias, tinham o seu caráter pedagógico primeiramente às classes elitistas e posteriormente às classes populares, para o reconhecimento e identificação com os princípios nacionais que não deixavam de ser notados nas exposições do carnaval pelas relações conflituosas ou harmoniosas.

No que diz respeito aos conflitos, o ano de 1910 certamente precisaria de ilusões e alegrias, tendo em vista as perspectivas nacionais com a campanha civilista de Rui Barbosa e à proporção que o conflito regional tomou em outubro com o golpe do coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, do qual os sócios do Ideal eram apoiadores. Foram acontecimentos decisivos naquele ano que não passaram despercebidos do carnaval de 1911. Dentre as grandes novidades do carnaval, o destaque na avenida Eduardo Ribeiro foi do cordão dos Bombardeadores de Manaus, que se destacaram pelas severas críticas e ironias ao bombardeio dirigidos às figuras políticas, que ficaram conhecidas como “inimigos da paz e perturbadores da ordem”, sendo ridicularizados pelos críticos do Jornal do Correio do Norte: “Os guabirus desse corsão vem expor em público o que fizeram e com certeza o que pretendem fazer. Mas desta vez o Tesouro está fechado e não avançam lá, porque os tempos mudaram e as ladroeiras se acabaram” (CORREIO DO NORTE. Manaus, 28 de fevereiro de 1911):



Imagem 3: Charge do Jornal Correio do Norte: “O que eles fizeram e ainda pretendem fazer para desgraça completa do Amazonas”. (CORREIO DO NORTE. Manaus, 28 de fevereiro de 1911)

A própria imagem contextualizada nos rituais, nas críticas, nos contos e nos espetáculos estavam carregados de seus próprios significados, reforçando que ao mesmo tempo em que o carnaval servia como tapete para o desfile dos grupos de poder, também tinha o potencial de ter sua ordem invertida com a revelação dos pensamentos, protestos sociais, brincadeiras de exposições morais, religiosas e políticas. Este era um dos poucos momentos em que os “homens da lei” estariam sendo debochados e ridicularizados pelas fantasias, tons e críticas de protestos à ordem instaurada, causando um riso cômico e “carnavalizado”.

Mikhail Bakhtin ao analisar o povo no centro do carnaval, nota que o carnaval popular é possuído por uma segunda vida, por uma vida do riso e uma vida festiva e, por vezes, subversora quando ridiculariza os Estados, as leis e as ordens com a diversão e estabelecimento de novas relações com seus semelhantes. Assim, a obra do autor afirma

que o carnaval todos eram iguais “e onde reinava uma forma espacial de contato livre e familiar entre indivíduos normalmente separados da vida cotidiana pelas barreiras intransponíveis da sua condição, sua fortuna, seu emprego, idade e situação familiar” (BAKHTIN, 1987, p.9). Em Manaus, a partir de 1910, notamos que o povo começa a se fazer presente na festividade e que as elites a utilizam iniciam os protestos sociais e o riso sátiro para debochar das ordens e acontecimentos políticos. No carnaval de 1911, apresentou-se o caricaturado “Funga-funga”, um burro vestido de casacos e sapatos, fazendo umas ponderações de mestre-escola barato e ensaiando a melhor posição para se curvar em bajulações torpes diante do Eminentíssimo, seu amo, seu senhor e seu dono em um tom jocoso e irônico (JORNAL CORREIO DO NORTE. Manaus, 28 de fevereiro de 1911)



Imagem 4: Charge e representação do jornal Correio do Norte (JORNAL CORREIO DO NORTE. Manaus, 28 de fevereiro de 1911).

A crítica feita pelo jornal ao burro se curvando diante dos seus senhores e autoridades fazia referência ao cotidiano político em que as alianças políticas dominavam as relações burocráticas e patrimoniais do Estado. No carnaval, a crítica não poderia ficar de fora, e assim como o ato público poderia agregar os diferentes grupos sociais e esferas políticas em um mesmo espaço e tempo, podendo-se aproveitar as oportunidades para a exposição de críticas ou queixas contra o governo e seus representantes de uma forma devassa. As posturas debochadas revelam a contrariedade aos grupos homogêneos, a aversão às devoções leais e patrimonialistas postas no cotidiano por meio dos acordos e vínculos políticos das elites, como notamos no seguinte trecho:

Cremos no governo, todo poderoso, quando ele é benévolo, criador de cargos e distribuidor de empregos rendosos; e em seu secretário, um só seu lugar-tenente, nosso, protetor, quando serve de intermediário das nossas sempre justas e razoáveis proteções, as quais são filhas da nossa necessidade de ganhar muito dinheiro, e, concebidas do nosso fértil engenho, transitam pelas secções da secretaria, são verificadas, processadas e despachadas, descem à contadoria e ao terceiro dia ressurgem dentre os papéis da pagadoria do Tesouro, depois de terem subido ao Palácio e voltado com o pague-se escrito pela mão direita do deus do Estado, d'onde vem, afinal, transformadas em ouro, ou mesmo em apólices da dívida pública, recheiam os nossos bolsinhos e proporcionam a satisfação dos gozos que ambicionamos e ambicionaremos enquanto vivos e até depois de mortos: cremos nos superintendentes quando são razoáveis e se deixam explorar; na Santa Política do cacete para os que não engrossa; na comunicação das portarias

de nomeações; na remissão dos nossos pecadilhos de resoluções abafadas pela polícia; na ressurreição da cornucópia das graças e na vida eternamente regalada; Amém. (JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus, 07 de março de 1905).

O credo citado acima ironiza as defensas, as valorizações e os enaltecimentos aos cargos e empregos rendosos ocupados pelas elites por nomeações públicas, a proteção dos tenentes e da política da Primeira República. Fazia parte da normalidade da Velha República a crença no papel do Estado que, sob a luz do coronelismo e política dos governadores, fortalecia os poderes e alianças nacionais e regionais em um período marcado pelos conchavos políticos alicerçados em que imperavam os acordos e vantagens pessoais sob o domínio público, dessa maneira, o patrimonialismo ordenado com a dominação carismática poderiam estabelecer os quadros administrativos baseados nas relações, votos, deveres e vocações pessoais em um jogo de disputas e relações até mesmo nos dias de folia.

Participar de um carnaval com esses moldes requeria esforço, preparação e capital financeiro para adquirir os ingressos e os acessórios que estivessem de acordo com as normas, cerimônias e etiquetas exigidas nos salões e bailes carnavalescos. Assim sendo, a cada ano, o carnaval tornava-se sinônimo de prestígio e um espaço de compartilhamento de luxo e para vangloriações, de dias de deleite da carne para o resguardo da quaresma, ao mesmo tempo em que a crise abatia-se sobre a cidade. Em 1912, uma charge foi publicada em tom de protesto: “Falta de garantias! Não temos mais dinheiro! Queremos comer! Abram o tesouro” (CORREIO DO NORTE. Manaus, 20 de fevereiro de 1912), as folhas periódicas mantinham em evidência a influência das famílias locais:

Entre as carruagens que conduziam famílias, destacamos: o automóvel do Dr. Egas Duarte, galhardamente enfeitado com fitas de cores; o da família do coronel Cyrillo Neves onde ia a sua filha Alice, garbosamente fantasiada de Imprensa. Um caminhão coberto de rosas brancas, repleto de gentis senhoritas; outro de crisântemos azuis cheio de alegre e elegante grupo de moças. Vimos ainda outro coberto de flores rosas de um enfeite encantador e completa só de jovens formosas (CORREIO DO NORTE. Manaus, 20 de fevereiro de 1912).

O destaque dado para Alice e para o grupo de moças presentes no ato, certamente, evidenciava que as mulheres eram utilizadas como ponto estratégico nas festas. Nos desfiles de carnaval eram embelezadoras e as virtudes como a juventude, beleza, ingenuidade e elegância eram atributos utilizados para representar a família e chamar a atenção do público que frequentemente utilizavam os nomes dos pais para serem consideradas “moças de famílias” e para distingui-las, através dos sobrenomes, das mulheres seminuas e meretrizes que começaram a desfilar nos carnavais.



Imagem 5: A senhorita Ayres, filha do sr. João Pinho Ayres, com a fantasia com que conquistou, com justiça, o bonito e custoso prêmio instituído pelo Ideal Clube, no baile de 21 de fevereiro dessa associação (REVISTA CÁ E LÁ. Manaus, março de 1914).

No Ideal Clube, despossuídas de cargos de liderança ou administrativos, eram colocadas nas organizações e preparativos da ornamentação, tal como no eixo familiar. Às esposas e filhas cabia o papel de organizar os cafés, jantares, encontros e *soirées*. As moças, senhoras e senhoritas do Ideal acabavam por disputar os prêmios de melhores fantasias, contudo as glórias iam mesmo para as instituições sociais nas quais as moças estavam representando pelas vestes e caracterização.

Em 1908, as notas sobre o grande carnaval nos salões da agremiação faziam referência às luxuosas *toilettes* e vistosas fantasias que realçavam a “beleza e graça” das gentis patrícias (JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus, 03 de março de 1908). As fantasiadas, ao disputarem uma medalha de ouro que mostrava a riqueza do clube com premiações tão caras, também manifestavam o seu valor e eram elogiosamente citadas ao se mascararem e vestirem de sacerdotisas romanas, Jornal do Comércio, ciganas, toureiras, rosas, algeriana e miosótis, polichinelo, mensageira do amor e andaluza, correio e primavera, grega antiga e liberdade, César, Círio, Lua, dançarina turca e do campo, telégrafo, Jornal Ideal, espanhola, florista, estrela d’alva, galega, Ioto, dominós de cetim branco, dominós azuis, etc¹².

Após essa atividade, eram incentivadas a desfilarem, dançarem e exibirem seus melhores vestidos e fantasias nos bailes sociais, espaço estratégico para o arranjo familiar de futuros casamentos ou de pura exibição das estonteantes fantasias que apresentavam a riqueza das famílias nas vestimentas e máscaras utilizadas. De acordo com Caroline Leal, o carnaval para essas mulheres passou a figurar uma instituição em

¹² “Fantasias: Corina S. Ferreira (sacerdotisa romana), Isa Alves Ferreira (Jornal do Comércio), Ida Machado e Silva (cigana), Isolina S. Ferreira (toureira), Mariinha, Isaura e Alice Borges (rosas, algeriana e miosótis), Creusa Rebello (polichinelo), Judith Alves e Afonsina Ferreira (mensageira do amor e andaluza), Salaberga e Teté Bentes (correio e primavera), Maria Luiza Saboya e Sinhá Saboia (grega antiga e liberdade), Dolores Seixas (César), Judith Menezes (Sírio), Julieta (Lua), Carmosina Maia e Beatriz (dançarina turca e guarda do campo), Celeste Maia (telegrafo), Franciscinha Garcia (Jornal Ideal), Alice Nogueira (espanhola), Nasinha Melo (florista), Maricota Melo (estrela d’alva), Lili Melo (galega), Inah Coqueiro (loto), Vicentina Cardoso, Magnolia e Camélia Freire (dominós de cetim branco), Beatriz e Ritinha Studart (dominós azuis).” (Jornal do Comércio. Manaus, 03 de março de 1908)

que o primor pela educação e formação moral eram vinculados à imagem de ideal feminino:

Solteiras, entre doze e dezenove anos, exaltadas por sua beleza, graça, candura, fineza, instrução, modéstia e dotes morais, nenhuma mulher era mais exaltada do que elas no carnaval. Para as rainhas eram dedicados bailes, tea concerts, exposições de seus retratos, vários eventos que pretendiam consagrar a soberana da agremiação. Por meio do carnaval se difundia o ideal de uma mulher que deveria ser: bonita, mas ingênua, culta, mas modesta; elegante e, sobretudo moralizadora. Essa imagem era vinculada não somente pela fala, como também nas fotografias que eram tiradas das rainhas nas vitrines das principais ruas da cidade, disponível aos olhos de todos! (LEAL, 2019, p.100-101)

Os clubes, assim, nos atos públicos acabavam por externalizar seu conservadorismo moral e social, alinhado com a civilidade e diversão, fazendo com que moralidade íntima, social e política estivessem alinhadas com suas perspectivas positivistas que configuravam pelas mulheres o dispositivo moral e natural das virtudes familiares (LAZZARI, 2001, p.206). Símbolos de uma sociedade conservadora e patriarcal, os diretores do Ideal são aqueles que julgavam as melhores fantasias e adereços que circulavam nos salões do clube e logicamente escolhiam as mulheres que representassem os valores de delicadeza, fineza e elegância:

Logo em seguida reuniu-se o júri, composto do desembargador Jovino Mais, dr. João Duarte Lisboa Serra, dr. Basílio Seixas, capitão de corveta Antônio da Silva, Braga e o nosso representante Fulgêncio Paiva, as fim de julgar a qual dos mascaradas, que, revelando mais espírito, melhor houvesse caracterizado a sua crítica, caberia a medalha de ouro oferecida pelo Clube.

Nessa ocasião foi presente ao júri um outro prêmio, que, menos valioso que o do Clube, tinha, talvez, mais importância, porque reunia o que a natureza produziu de mais admirável na flora da Amazônia – uma garbosa Vitória Régia, a flor gigante de perfume, oferecida pela senhorita Maria Pinheiro, também para a máscara que obtivesse o primeiro lugar no concurso (JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus, 03 de março de 1908).

Os homens da agremiação eram o grupo que também recebia os louros publicamente pelas atividades que executavam. Dotados de capitais sociais em seu cotidiano e dentro da agremiação, executavam suas atividades na recepção, reconhecimento e comissão de *buffets* nos salões dos bailes idealinos, brindavam às instituições presentes e representadas pelas fantasias femininas ou homenageadas pelos salões do clube. As notícias locais constantemente traziam os nomes dos responsáveis pela ordenação da solenidade carnavalesca:

De acordo com o caráter da disciplina interna que regulariza a ordem das falanges marciais de Momo, o serviço para o harmônico reboiço de hoje foi assim detalhado: Comissão de recepção: Dr. Antero Coelho de Rezende, Godofredo Castro, Jayme Ferreira Ramos, João Pamplona, José Ignácio de Medeiros, Luiz Leske, Miguel Cruz Netto, Alexandre C. Moreira, Dr. Carlos Waldemar de Figueiredo, Dr. Emiliano E. Affonso. Comissão de reconhecimento: Augusto César Fernandes, Américo Lages Rebello, Dr. Gaspar A. Vieira Guimarães. Comissão de buffet: J. J. Martins, Dr. Antonio Miranda Correia, José Luciano de Moraes Rego, Domingos Alves Pereira de Queiros. Diretores do mês: Raimundo

Alves Tribuzzi e Francisco Lima Valente. O Ideal não admite tristezas, porque o riso é o seu único broquel (JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus, 17 de fevereiro de 1912).

Destinados a dirigir a sociedade no âmbito jurídico, comercial e militar, os diretores eleitos pelo grupo de associados eram também encarregados de cuidar dos preparativos da festa como sinal de liderança diante do grande prestígio que a mesma recebia. O clube, sendo o núcleo do luxo, atenção e alegria durante os três dias de carnaval, na data marcada para execução dos bailes desfrutava do seu prestígio com o grupo de diretores encarregados de conduzir, recepcionar e cuidar dos seus preparativos. Tal ato não passava despercebido, ao contrário, eram elogiosamente citado nos jornais que reforçavam as atividades executadas pelos diretores e sócios do clube que “cientes da visita do Rei da Hilaridade, lhe preparavam retumbantes manifestações” (**Jornal do Comércio**. Manaus, 20 de fevereiro de 1912). A separação das atividades certamente revelava as desigualdades e disparidades de gênero dentro da própria agremiação em que às mulheres cabia o papel de serem exibidas figurativamente, enquanto aos homens, o papel de dirigir. Mas havia em certos momentos a união desses papéis, o que demonstrava a ambiguidade causada pela defesa de um carnaval centralizado no eixo familiar.

Abaixo, por exemplo, a família do superintendente Adolfo Lisboa que embora tivesse a fama de poucos amigos e “não se misturava ao povo, tendo apreciado os desfiles de certo ponto afastado, pois nunca se quis integrar a espiritualidade da família amazonense” (BITTENCOURT, 1973, p.27-29), suas filhas e parentes aproveitavam-se do curso e da fama do patriarca para apresentar-se ao público:

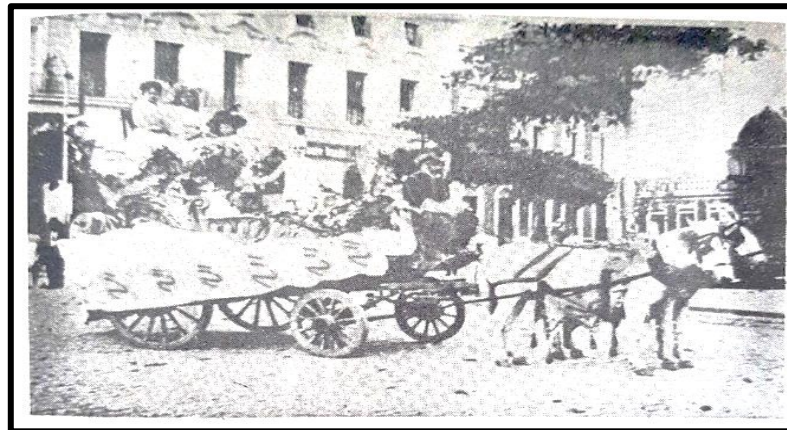


Imagem 6: Carro “As 4 Estações” com a família do Coronel Adolfo Lisboa. (BRAGA, 1979)

A exposição das famílias nos carros alegóricos também evidenciava o desfile de modelo moralizador. No âmbito social, em seu reflexo dos espaços íntimos, a moralidade além de figurar nos quesitos mais visíveis da festa – carruagens de luxos, vestimentas, máscaras e joias caras – tinham a pretensão de reforçar o *status* financeiro e político das famílias e diretores presentes. Nesse momento, as famílias elitistas, vistas em seu seio moral e requintado com a função de desenvolvimento da socialização básica, apresentavam em seu conjunto os valores e papéis no âmbito público (REIS, 2001, p. 100). A autoridade imposta por aqueles que eram os atores principais e desfilavam sobre

seus carros alegóricos, revela que eles possuíam superioridade e prestígio suficientes para serem admirados e aplaudidos por todas as classes sociais.

Por isso, os diretores recorriam às grandes danças e à exposição pública em busca de suas honras, reconhecimento e notoriedade. Quando esses diretores e sócios escolhidos estavam nos salões do clube ou nos carros alegóricos nas ruas da cidade, deixavam claro à sociedade qual era seu lugar social. A vida e arena pública, marcadas por valores cultivados e nutridos no âmbito privado, se uniam e reafirmavam os vínculos e elos estabelecidos, o poder de classe, das em dois tempos: no das festividades e no da vida habitual que, como teatro, que encena a vida cotidiana, tem seus personagens “privilegiados”.

Conclusão

Com os seus convidados especiais, as elites garantiam a sua diversão, contentamento e sociabilização com a promessa de um ambiente familiar, privado e exclusivo aos sócios, deixando evidentes as fronteiras do tempo, espaço e organização existentes e programadas em torno de si. As músicas, as danças, as etiquetas e infraestruturas guardavam assim o significado dos rituais da civilização e de dominação cultural sobre a Amazônia com a permissão e aparato dos seus admiradores e administradores, os mesmos que aproveitavam dessas ocasiões para colocarem-se em evidência e destaque.

Porém, as elites não se davam por contentes com as portas fechadas. Ao contrário, como já afirmamos, elas realizavam o seu contentamento ao notar que a sua presença era alvo de homenagens e honras. De maneira, em busca de sempre afirmar a importância das festividades, que os carnavais ocorreram dentro e fora do Ideal Clube com os temas de bailes de máscaras e festas à fantasia. Tais festejos, com teor, preparo e propagação elitista acentuaram a “obediência estrita à ordem” (QUEIROZ, 1994, p.28) e reforçaram o *status* do clube como um centro de distinção com suas regras monetárias e cerimonialistas, contudo, foram também espaços para que as críticas políticas com tons irônicos e jocosos evidenciassem que a ordem também pode apresentar sua característica reversa. Desse ponto, a reflexão exposta nesse artigo apresenta como as elites utilizavam o seu direito de festejar, como eram realizados os cortejos e como as famílias tradicionais e grupos aristocráticos aproveitavam-se das ocasiões para promoção dos seus próprios engrandecimentos em um salão de interesses e crenças, onde as elites se divertem.

Referências:

BAKHTIN, Mikhaïl Mikhaïlovitch; VIEIRA, Yara Frateschi. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado*. Rio de Janeiro, Conquista, 1973.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. São Paulo: Edusp, 2007.

BRAGA, Genesino. *Assim nasceu o Ideal*. Manaus, Imprensa oficial, 1979.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. Companhia das Letras, 2001.

DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Editora Zahah, 1999, edição Kindle, capítulo Banquetes e Bailes.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias da gente brasileira: Império-Volume 2*. Leya, 2016.

DUARTE, Durango. *Manaus: entre o passado e o presente*. Mídia Ponto Comm, 2009.

HIRST, Monica; SPEKTOR, Matias. *Brasil-Estados Unidos: desencontros e afinidades*. Editora FGV, 2009.

HOBBSAWM, E. A invenção das tradições. *A invenção das tradições*. Trad. Celina C. Cavalcante. [título original: *The invention of traditions*, 1983.] São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Editora da UNICAMP, 2001.

LEAL, Caroline Pereira. O positivismo e as mulheres no carnaval de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. *Revista Crítica Histórica*, v. 10, n. 19, 2019.

NEVES, M. de S.: Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge Luís (Orgs.). *Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.

QUEIRÓS, César Augusto Bubolz; LEAL, Davi Avelino; MOURA, Anderson Vieira (Orgs). *Amazônia Republicana: Estudos sobre poder, política e trabalho*. Curitiba: CRV, 2021.

PEREIRA, Leonardo Affonso. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2ª ed. ver. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2004.

PONTES, Karinny Lima. *Dos bailes nos clubes aos blocos de rua: A representação da festa carnavalesca em Manaus (1890-1920)*. Monografia do Curso de História da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, AM, 2019.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. A ordem carnavalesca. *Tempo social*, v. 6, n. 1-2, p. 27-45, 1994.

REIS, José Roberto Tozoni. Família, emoção e ideologia. In: *Psicologia social: o homem em movimento*, v. 8, 1984.

SAMPAIO, Patrícia Melo. *Posturas municipais, Amazonas (1838-1967)*. Manaus: EDUA, 2016.